



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker. Tecnologia e relacionamentos virtuais: evolução ou involução humana? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

TECNOLOGIA E RELACIONAMENTOS VIRTUAIS: EVOLUÇÃO OU INVOLUÇÃO HUMANA?

Andressa Melina Becker da Silva

RESUMO

A pós-modernidade está presente no cotidiano das pessoas, que, segundo os cientistas, evoluíram dos primatas, seus ancestrais. Essas pessoas têm a vida ameaçada pela desorganização devido à falta de tempo, e à correria de precisar cumprir inúmeras tarefas jamais imaginadas tempos atrás. Seus sentimentos são alicerçados às “curtidas” no *Facebook*, *twitadas*, *postagens* e *e-mails*. A falta de contato dos relacionamentos é uma realidade cada vez mais presente. O aumento da procura pelo sexo virtual, pelas amizades instantâneas através dos *chats*, e a busca por diversão imediata, também não são diferentes. A tecnologia foi se desenvolvendo para auxiliar o humano em suas tarefas diárias. Mas, até que ponto evoluímos e involuímos? Este trabalho busca discutir essa temática pautando-se na Psicologia Corporal.

Palavras-chave: Humano. Psicologia Corporal. Relacionamentos Virtuais. Tecnologia.

.....

Em meio a tanto desenvolvimento tecnológico, o que pensaria Darwin a respeito do homem pós-moderno? Cogitaria ele o potencial intelectual humano para desenvolver maquinários capazes de conectar indivíduos do mundo todo em segundos? Partindo-se do pressuposto de que o homem evoluiu de seres primatas, pode-se concluir o quão evoluídos somos, o quanto a capacidade criativa do ser humano proporciona maneiras de postergar a longevidade da existência. Será que isso pode ser chamado de evolução?

O mundo globalizado é caracterizado pela quebra de paradigmas. Pensemos que há décadas as pessoas se comunicavam por cartas escritas e a demora – de dias, semanas ou até meses – para receber uma resposta gerava expectativas. Nesse sentido, aguardava-se ansiosamente pelo contato do outro. Atualmente, com um simples clique, uma mensagem pode chegar à pessoa através de *e-mails*, *posts*, *torpedos*, entre outros. Se uma pessoa acabou de realizar um feito inédito, seja nas ciências ou em outros contextos, em poucos instantes depois, a notícia já circulará mundialmente pelas vias



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker. Tecnologia e relacionamentos virtuais: evolução ou involução humana? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

mediáticas, podendo ser *curtidas no facebook*, receberem *twittadas* ou assistidas pelos televisores nos telejornais.

Esse avanço no conhecimento científico, encabeçado pelo desenvolvimento tecnológico, ajudou o homem a postergar a finitude humana. Remédios foram desenvolvidos, novas possibilidades de cirurgias, até mesmo qualidades estéticas para mudar o que se verdadeiramente é. Mas, com a “*cultura do nanosegundo*”, com a “*polifasia*” em que é necessário fazer duas ou mais atividades ao mesmo tempo, o ser humano aprendeu o que é estresse, o desgaste físico e mental. O *stress* tecnológico gera uma perda desnecessária de energia. Além disso, quanto maior o *stress*, maior a vulnerabilidade aos riscos externos. Pode-se atribuir o termo “*Jetlag social*” à ideia de que um maior uso da internet diminui as horas de sono, pois se passa mais tempo conectado. O caso dos adolescentes que se comunicam da meia noite às seis e que depois precisam assistir aulas presenciais nas escolas do país exemplifica o conceito supracitado. O avanço tecnológico que então pretendia melhorar a qualidade de vida e diminuir as horas trabalhadas conseguiu atingir seu objetivo? Ou será que passamos ainda mais tempo trabalhando? Onde fica a humanização do indivíduo? A humanização das relações?

O momento atual é marcado pela crise de identidade. Bauman (2003) retrata bem isso em sua filosofia da modernidade líquida e dos relacionamentos líquidos. A liquidez expressa a falta de consistência dos mesmos. Os relacionamentos virtuais vieram para suprir o imediatismo do desejo, condição desenvolvida com as novas tecnologias. Podem-se ter inúmeros amigos no *facebook* ou no *twitter*, porém quantos deles são vistos diariamente ou esporadicamente? Para quantos deles são feitas ligações? Para quantos deles são feitas visitas, combinados encontros? Vive-se a era do “*Presenteísmo*”, em que se está conectado virtualmente, no entantodistante de sentimento. O mundo conectado que traz a sensação de verdadeira solidão.

Os ambientes virtuais são facilitadores de contatos, entretanto geram a banalização da amizade. Nessa perspectiva, é necessária uma perspectiva crítica para realizar este tipo de análise. Pensando criticamente, vamos a exemplos: no ambiente virtual pode-se criar corpos belos, que, na verdade, são



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker. Tecnologia e relacionamentos virtuais: evolução ou involução humana? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

fragmentados, pois ocultam a verdadeira face do *self*; é apenas uma representação do homem ideal, do poder, da beleza, configurando a mobilidade social. Além disso,, as redes sociais podem ser usadas pelos adolescentes como estratégias e enfrentamento para suas dificuldades de relacionamento e mudanças abruptas de humor, características comuns desta etapa de desenvolvimento. Assim, o tímido pode se expor, criando perfis falsos; os adolescentes, em geral, podem adicionar novos amigos e, caso não gostem, podem *deletá-los* imediatamente, ação que não pode ser feita presencialmente. Com isso, perde-se a capacidade de mediação nas comunicações. O que presencialmente levam-se minutos discutindo, virtualmente as pessoas são apenas *deletadas*.

Pesquisas divulgadas em congressos científicos pelo país revelam que 45,7% das pessoas que utilizam computadores já fizeram sexo virtual e que 16,4% já tiveram orgasmo. Com esses dados pensa-se o quanto as pessoas se distanciam e desconhecem o prazer pleno. Segundo Reich (1986, p. 55) “a potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo.” Assim, se a pessoa não está presente com outra, não apresenta uma descarga plena, não se sente livre, não poderá experimentar um verdadeiro orgasmo. Portanto, pode-se pensar que o virtual possui uma plena realidade enquanto virtual.

O encontro virtual pode ser uma característica do caráter esquizóide (Lowen, 1987), ou núcleo psicótico (Navarro, 1995), em que há a busca pelo afastamento social, fantasiando e utilizando “a razão no lugar do afeto, o virtual, no lugar do real, o computador, no lugar da presença física” (GRAEML, VOLPI, GRAEML, 2004, p.5). Esse contexto leva a uma falta da espontaneidade. Age-se de acordo com o que o meio espera, com as expectativas de outrem, vivendo uma vida que não lhe pertence. O quadro se agrava quando as ações respondem ao medo de aceitação do grupo. Segundo Lowen (2007, p. 140) é necessário recuperar “a liberdade natural e a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker. Tecnologia e relacionamentos virtuais: evolução ou involução humana? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

espontaneidade, obtendo não só prazer, mas também uma criatividade repleta de alegria”.

Existe o perigo com a falsa noção de segurança gerada pela rede virtual. Acredita-se que, se não sair de casa, a pessoa estará mais protegida. Leve engano. Afinal, manipuladores aguardam as populações vulneráveis, como indivíduos carentes que buscam relacionamentos virtuais e acabam se deparando com psicopatas. Pedófilos a procura de crianças e adolescentes que desejam ampliar suas conexões, sem saberem o risco que correm. A criação de dois perfis na internet, um que os pais e cônjugues podem acessar e outro reservado. Os predadores em busca de mulheres sem parceiros *offline*, e homens com mulheres *offline*. Assim, a imagem de segurança é relativa. Outro grande problema é o impacto do mundo virtual para as crianças. Elas provavelmente crescerão com barreiras de contato, pois se acostumam a se aproximar das pessoas apenas virtualmente. Além do vício que podem desenvolver pela utilização prolongada do computador e do videogame.

Possivelmente um dos problemas centrais do homem ocidental da pós-modernidade é que ele se sente despido de significação como indivíduo. Segundo Rollo May (1968), quando o indivíduo perde a sua significação ocorre um sentimento de apatia, que é uma expressão da consciência diminuída. No entanto, o verdadeiro perigo não é a abdicação da consciência, e sim, esperar que a máquina o faça feliz e o tornar capaz de amar. Em contrapartida, a diminuição da consciência é central para a mais profunda forma de perda do sentido de significação.

Acredita-se, em acordo com Rollo May (1968), que o progresso na terapia pode ser medido em função do progresso da consciência da liberdade, a qual, por sua vez, é a qualidade de ação do eu centrado. Neste aspecto, a liberdade envolve uma responsabilidade social. É necessário, portanto, que a pessoa se torne consciente da sua livre possibilidade de escolha, desde que esta seja uma opção consciente, assumida no presente, de forma criativa, conectada ao verdadeiro *self*.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker. Tecnologia e relacionamentos virtuais: evolução ou involução humana? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

Não sejamos hipócritas em assumir que as novas tecnologias não foram boas para a humanidade. Não se deseja impor a ideia de que houve uma involução humana. O que se espera é que haja uma reflexão frente às questões levantadas, e que o psicólogo, como um mediador do desenvolvimento humano, possa estar presente, em mente e corpo, para auxiliar seu cliente em possíveis impasses gerados pela tecnologia. Nesse contexto de mundo líquido a questão chave é o autoconhecimento, “o que eu quero e o que eu realmente sou”. O quanto à pessoa tem energia para se empenhar em um relacionamento e o quanto se tem medo de ficar sozinha. É retomando o centramento do indivíduo como pessoa autônoma, livre e responsável por suas ações que o cliente se sentirá com potencial para desempenhar energeticamente sua autorregulação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GRAEML, K. S.; VOLPI, J. H. e GRAEML, A. R. O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas. **Revista Psicologia Corporal**, v. 5, p. 1-6, 2004.

LOWEN, A. **O corpo em terapia**. São Paulo: Summus: 1987.

LOWEN, A. **Uma vida para o corpo**: Autobiografia de Alexander Lowen. São Paulo: Summus, 2007.

NAVARRO, F. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ROLLO M. **Psicologia e dilema humano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1968.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker. Tecnologia e relacionamentos virtuais: evolução ou involução humana? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

AUTORA

Andressa Melina Becker da Silva / Campinas / SP / Brasil - MFCR-040.
Doutoranda em Psicologia - PUC-Campinas, Mestre em Ed. Física - UFPR,
Graduação em Psicologia - Universidade Paulista, Especialista em
Psicologia Corporal - Centro Reichiano, Residência em Orgonoterapia
- Centro Reichiano.

E-mail: andressa_becker@hotmail.com

